

PERCURSOS ENTRE A ARTE E A NATUREZA

PATHWAYS BETWEEN ART AND NATURE

Márcia Helena Girardi Piva / USP

RESUMO

Este texto trata de algumas conexões entre obras, artistas e espaços expositivos, com o intuito de destacar exposições em que os artistas foram envolvidos pela temática ambiental. Serão analisadas mostras que evidenciaram a natureza como protagonista da expressão artística contemporânea. Um trajeto será proposto iniciando-se pela 32ª Bienal de Arte de São Paulo, seguindo pela passarela Ciccilo Matarazzo em direção ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Breves considerações históricas sobre as duas instituições irão propor percursos que interligam a arte e a natureza. Como peças de um mosaico, reflexões serão ativadas sobre a relação homem/natureza, como uma das possíveis formas de encontrar um caminho para a busca de equilíbrio entre o meio ambiente e o homem.

PALAVRAS-CHAVE: MAC USP; Fundação Bienal; arte contemporânea; natureza.

ABSTRACT

This text deals with some connections between works, artists and exhibition spaces, in order to highlight exhibitions in which the artists were involved in the environmental theme. We will analyze samples that showed the nature as protagonist of the contemporary artistic expression. A path will be proposed starting with the 32nd São Paulo Art Biennial, following the Ciccilo Matarazzo catwalk towards the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo. Brief historical considerations on the two institutions will propose paths that link art and nature. As pieces of a mosaic, reflections will be activated on the relation man / nature, as one of the possible ways to find a way to the search of balance between the environment and man.

KEYWORDS: MAC USP; Biennial Foundation; contemporary art; nature.

Muitas visões buscam o panorama da cidade, mas um olhar permanece sobre a vivência e a percepção da constante transformação que hoje acontece no campo artístico, que se revela com grande potência nas exposições de arte contemporânea. Da passarela Ciccilo Matarazzo, para além da natureza que veste o Parque do Ibirapuera e da cidade de São Paulo que se movimenta em baixo de nossos pés, podemos avistar tanto o prédio da Bienal como o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Desse patamar, percebemos a história da arte como a história do “ver”, tornando a categoria do espaço significativa para pensarmos a relação entre arte e natureza.

A arte contemporânea propõe a democratização de todas as linguagens artísticas, com o intuito de que novas questões sejam levantadas, à medida que novos contextos são criados. Dessa forma, há uma necessidade de complementação entre a figura do historiador e do crítico, já que o primeiro não tem o objetivo de julgar e sim de contextualizar a obra dentro de uma abordagem, e o crítico tem a liberdade no trato do objeto de maneira subjetiva. O Museu como Instituição de arte - que preserva a memória cultural - o mercado de arte que valoriza a obra através da venda - pela qual são responsáveis as galerias e os críticos - e ainda a Universidade que propõe a pesquisa, a reflexão e a análise intelectual, devem sempre estar vinculados. Diálogos relevantes se formam ao circular por esses espaços. A argumentação política e teórica torna-se fundamental para a expansão do campo da arte, respeitando-se sempre seu contexto. A teorização da arte deixa resíduos, e a partir de tais resíduos algumas brechas permitem novas interpretações, de forma a manter a cena artística em constante discussão.

Momentos de discussão vêm sendo propostos, através de questões que se formam a partir da apreciação de exposições que marcaram de maneira relevante o cenário artístico brasileiro da última década. Este texto propõe percorrer pontes que interligam a arte e a natureza. Alguns percursos serão sugeridos para buscarmos conexões entre o espaço expositivo, suas obras e seu entorno. Iniciaremos nossa caminhada com um evento não muito distante, a 32ª Bienal de São Paulo, que aconteceu no ano de 2016, cujo tema “Incerteza Viva” nos lançava em um território de instabilidades e incertezas, que englobava reflexões primordiais sobre as ações do homem e suas consequências sobre o destino do planeta.

A arte, como área de conhecimento, torna-se uma ferramenta relevante quanto à sensibilização e formação de uma conscientização em defesa da natureza. No decorrer da história, podemos observar a paisagem como reveladora de posicionamentos que vão se modificando, de acordo com períodos e culturas, como forma de encontrar um caminho para a busca de equilíbrio entre o meio ambiente e o homem. Vivemos em um mundo repleto de incertezas, em que a exploração dos recursos naturais que no passado parecia infundável, começa a dar sinais de esgotamento e a sinalizar consequências que poderão ser caóticas para o futuro da humanidade. Os artistas tornam-se peças fundamentais para motivar diálogos sobre questões sociais, políticas e culturais, principalmente ao referenciar suas obras às influências das atividades humanas sobre o destino da história global, com intuito de buscar uma conscientização sobre nossa responsabilidade em relação ao cuidado com o meio ambiente. São muitas as questões que hoje nos afligem, nos colocam em um mundo repleto de inseguranças, onde parecemos estar sempre em estado de alerta diante da degradação ambiental, do esgotamento dos recursos naturais, das catástrofes naturais, assim como pelas demais ameaças que assombram o futuro de nossas vidas.

A 32ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, tornou-se um espaço provocativo, que através de variados contextos buscava nos sacudir, nos deslocar de nosso estado de normalidade, que de forma reflexiva nos direcionava a observar como pequenas ações podem ser significativas para as mudanças que se tornam urgentes quanto à preservação do meio ambiente. A mostra foi apresentada através de obras que produziam um diálogo entre elas, como um mosaico muito amplo que, ao envolver artistas de diferentes culturas, mostrava várias peças que iam se encaixando. Os artistas participantes, apesar de distantes geograficamente, compartilhavam pensamentos muito próximos. Essa percepção pôde ser sentida a partir da vivência de suas criações expostas nos três andares do prédio da Bienal. Um território de reflexão que a partir das produções artísticas que, em suas particularidades e singularidades, passavam a integrar uma só obra, nos instigava a refletir sobre as várias ecologias. A ecologia subjetiva, que estaria ligada ao que produzimos culturalmente, através de nossos pensamentos, costumes e tradição. A ecologia social, que engloba os fluxos de dinheiro, poder e economia. E a ecologia

ambiental, do fluxo vegetal, dos recursos naturais e da reflexão sobre a sobrevivência do planeta.

Assim, este texto propõe um percurso, uma visita a alguns artistas presentes na mostra, em que suas produções chamavam a atenção sobre o estado de instabilidade que ronda nossas vidas. No espaço expositivo, um ambiente escuro de onde era possível escutar alguns sons nos convidava a entrar. O som do universo da mata se instaurava em meio a um ambiente envolto pela escuridão. As paredes recobertas de micélio provocavam uma sensibilização através do cheiro da natureza que invadia o lugar, e que, ao mesmo tempo, nos transportava para um campo cibernético, pois era possível visualizar pequenas luzes em meio à escuridão - algumas colchas de led - que se movimentavam rapidamente e em fluxos, como o sangue que em nosso corpo é bombeado através das veias e artérias. Dois objetos iluminados simulavam pulmões [Figura 1] que respiravam de forma artificial, onde o formato dos continentes africano e sul americano mostravam-se evidentes. Esta instalação, “Rustle 2.0”, criada pelo artista sul africano Em’kal Eyongakpa, envolvia-nos de forma sensorial. Um sentimento de confronto era despertado à medida que o som da derrubada das florestas, dos animais e dos povos nativos - no momento da expulsão de seu ambiente natural - invadia nosso interior, através do ruído de motosserras que pareciam adentrar com toda violência no ambiente da mata. Essa interrupção do fluxo da vida, então sugerida, conectava-se ao olhar dirigido para as colchas de led, e também, para a reflexão sobre as redes de internet que hoje habitam nossos ambientes, tornando-nos praticamente dependentes de um mundo virtual que passa a tomar o lugar do que antes era natural.

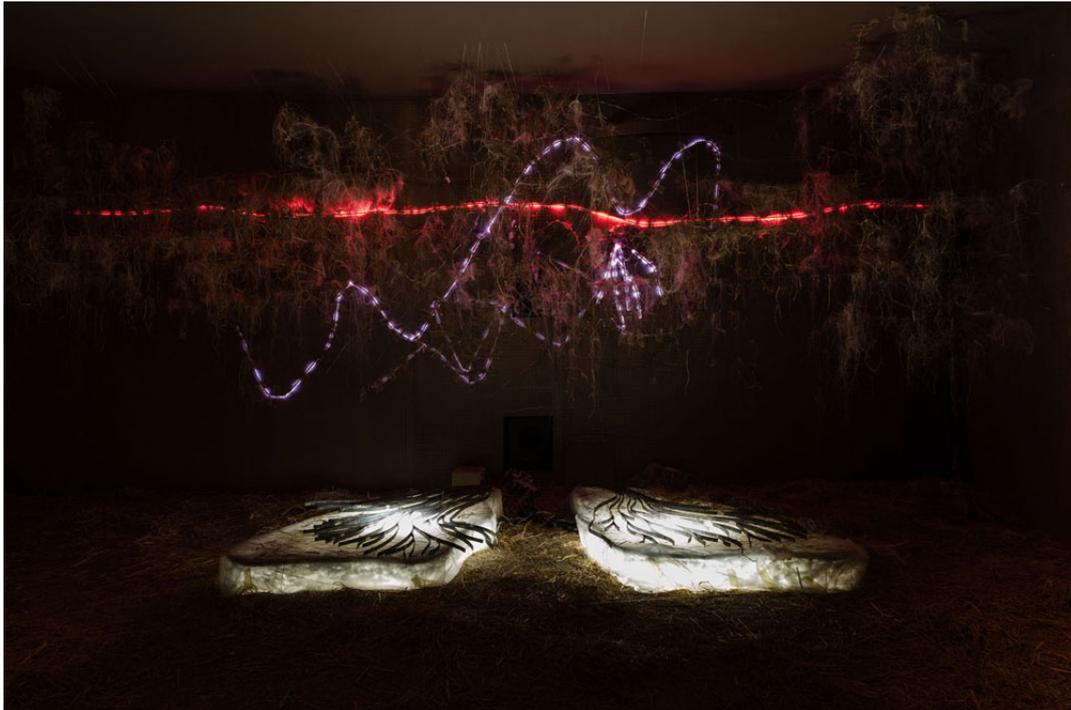


Figura 1: Em'kal Eyongakpa. Instalação **Rustle 2.0**, 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

Diante da proposta de Em'kal, que envolvia de forma sensível o espectador, o percurso através da mostra se estendia para outras obras que pareciam complementar ideias antes vivenciadas, nos conduzindo a espaços que buscavam peças que se encaixariam perfeitamente como complemento de obras anteriormente visitadas.

Aos fluxos e conexão de redes experimentadas por Em'kal, poderíamos buscar em Víctor Grippo mais um encaixe ao nosso grande mosaico. Com a instalação “Naturalizar al hombre, humanizar la naturaleza, o Energia vegetal” [Figura 2] o artista argentino, ao dispor em mesas que compunham sua instalação, quatrocentos quilos de batatas - alimento básico de muitas culturas -, interligadas por fios e conectadas a um voltímetro, propôs uma analogia entre os fluxos existentes nas batatas e no ser humano. Apesar de arrancadas de seu fluxo vital, a terra, de onde são alimentadas suas raízes e seus ramos, a energia dispendida pelas batatas continuava a fluir e eram visivelmente registradas por meio de um voltímetro. Segundo Diego de Matos, a prática do artista remete ao que Guy Brett chamou de “dialética do invisível”. “A complexa produção de Grippo é ainda leitura-chave para a construção de novas formas de consciência que recolocam o homem em paridade e em relação com a natureza, o que não exclui o usufruto da tecnologia e de novas

orientações socioeconômicas”.¹ Desta forma uma reflexão é sugerida, a produção de energia, apesar de não ser visível, pode expandir-se. Assim podemos pensar sobre a energia humana, que também pode ser ampliada quando estamos unidos e nos mobilizamos para defender uma causa. E uma causa torna-se emergencial na atualidade, o cuidado com o meio ambiente do qual dependemos para sobreviver.



Figura 2: Víctor Grippo. Instalação **Naturalizar al hombre, humanizar la naturaleza, o Energia vegetal**, 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016. Fonte: Foto, registro da autora, 2016.

Um pouco mais adiante, para completar parte das peças a se colocarem em nossas reflexões, poderíamos observar a proposta da mexicana Mariana Castillo Deball, a artista expandiu os limites da arte ao pesquisar as formações rochosas, sítios arqueológicos, coleções institucionais e fachadas de prédios, que a levou a organizar frotagens feitas em papel japonês - técnica de transferência amplamente utilizada na paleontologia - tanto feitas a partir de marcas geológicas de paisagens, como de elementos urbanos da cidade de São Paulo. Desta forma, Mariana, ao expor a Instalação “Hipótese de uma árvore” [Figura 3], utilizando suportes aéreos feitos de bambu em forma de espiral - com seus lenços pendurados -, revelava que na arte podemos pensar o entrecruzamento das ciências, e que, o passado e presente podem estar em um só tempo. Ao justapor os registros de elementos de diferentes naturezas e épocas, Deball propunha ideias de evolução, extinção e história. As fronteiras parecem não ter mais limites, se misturam e se integram. Assim como as obras artísticas contemporâneas, ao impulsionarem a articulação de diversas instâncias, abrangem o campo tanto científico, como o filosófico, o crítico e

o histórico. A natureza faz parte de todo esse entendimento, nos faz sentir a escassez e a exuberância, o crescimento e a decadência, o passar do tempo e a permanência do mesmo.



Figura 3: Mariana Castilho Deball. Instalação **Hipótese de uma árvore**, 32ª Bienal de Artes de São Paulo, 2016. Fonte: Foto, registro da autora durante o evento, 2016.

Para completar mais uma parte de nosso mosaico buscamos o andar térreo da Bienal, onde Frans Krajcberg nos apresentava uma floresta. Através dela poderíamos caminhar, por entre troncos e raízes calcinados transformados em esculturas pelo artista. Com as cores preta e vermelha [Figura 4], Krajcberg chamou a atenção sobre a representação do sangue e da morte, consequências causadas pela destruição das florestas brasileiras, através das queimadas e desmatamentos. Conhecemos a causa deste artista que buscou através de sua obra a conscientização sobre a importância da preservação ambiental, dos animais e dos povos indígenas que, por tantas vezes foram dizimados junto às ações predatórias das florestas brasileiras. Um grande número de artistas coloca como base de seus questionamentos preocupações sobre nosso momento atual. Podemos considerar que eventos determinantes voltados para o meio ambiente se iniciaram no Brasil com a Eco 92. Nessa ocasião, como extensão da discussão proposta no evento - o artista Frans Krajcberg fez uma grande exposição², que representou naquele momento um grito de socorro em favor à natureza.



Figura 4: Frans Krajcberg. Instalação. Raízes e troncos calcinados. 32ª Bienal de Arte de São Paulo, 2016. Fonte: Foto, registro da autora durante o evento, 2016.

Seguindo a grande parede de vidro, caminhando por entre as obras de Krajcberg, logo avistávamos um pequeno jardim, pois assim inicialmente parecia, um jardim levemente suspenso em uma base circular de madeira. A curiosidade nos instigava ao observar que não eram somente plantas que se encontravam dispostas sobre a madeira, mas também ferramentas, ossos de animais, sementes, assim como tabelas com o nome de plantas, então numeradas, assim como subdivididas a partir das estações do ano. A artista Ruth Ewan, trouxe para o espaço expositivo sua obra “Back to de Fields” (Volta ao Campo). Sua instalação [Figura 5] localizava-se próxima a de Krajcberg, porém, diferentemente do material morto, desprovido de vida, Ewan dispôs no chão seu grande suporte de madeira circular, que parecia emanar vida, através das plantas, flores, frutas. Podiam-se observar, através dos elementos vivos, como também das ossadas de animais, pedras e ferramentas organizados e numerados, referências sobre as estações do ano e das colheitas no continente europeu. Sua obra referia-se ao tempo, um tempo passado, especificamente ligado a um fato histórico, o calendário proposto durante a Revolução Francesa, “anticlerical e fundado nos ciclos da natureza”³. Sua obra poderia propor várias reflexões, porém o pensamento sobre a relação entre o homem e a natureza desde o passado e até o presente, mostrava-se como relevante diante da conexão entre outras obras da exposição, como mais um encaixe a participar de um grande mosaico.

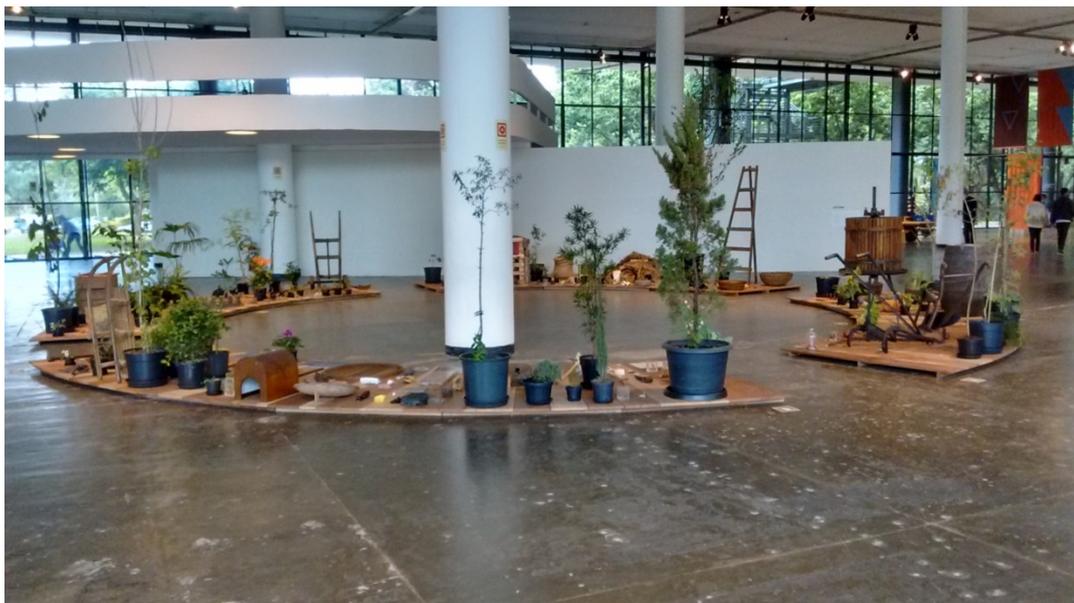


Figura 5: Ruth Ewan, Back to The Fields. Plantas, ferramentas, pedras, ossos e diversos materiais naturais sobre suporte de madeira, 2016. 32ª Bienal Internacional de São Paulo.
Fonte: foto da autora no espaço expositivo, 2016.

Várias outras obras complementaríamos nosso mosaico, para o qual algumas peças selecionadas foram citadas, através de um passeio ao imponente espaço que compõe o prédio da Bienal⁴. Porém, nosso percurso propõe caminhar em direção à parede de vidro, que nos permite observar o entorno do prédio, e experimentar a natureza exuberante que nos espera no espaço exterior. Levados por caminhos que nos guiam em direção à arte, por entre a natureza, nos afastaremos do prédio da Bienal em direção a outro importante local, marcado por exposições relevantes que, por diversas vezes, também tocam aspectos dirigidos ao relacionamento do homem com o meio ambiente.

A cada dois anos o singular museu fundado pelo imigrante italiano Francisco Matarazzo sobrinho, o Ciccillo Matarazzo, volta a ocupar o imenso prédio projetado por Oscar Niemeyer, esse grande porta-aviões – alguém já disse – definitivamente ancorado no Parque do Ibirapuera, desde que os mandatários da cidade de São Paulo entenderam que a melhor maneira de comemorar seus 400 anos, que aconteceria em 1954, seria engalanando-a de verde. (FARIAS, 2001, p.28).

Ao nos distanciarmos da natureza exuberante que habita o Parque do Ibirapuera, cruzamos a movimentada Avenida Vinte e Três de Maio, através da passarela Ciccillo Matarazzo. Passear em meio à multidão - movimentos de ida e vinda num eterno caminhar - sobre a velocidade dos veículos que transitam em uma cidade que não pode parar. O olhar caminha mais distante e avista o movimento frenético da

cidade de um patamar superior. Construções vestidas de branco, com suas linhas retas revelam memórias entremeadas pela natureza. Árvores respiram a arte que deixou seus aromas em momentos diversos da história brasileira. Sobre a cidade que circula sem parar, outro espaço que respira arte se coloca em nosso caminho, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo⁵. A passagem (ou passarela) Ciccilo Matarazzo será a ponte de ligação entre nossas reflexões. Ela une partes que formam um só conjunto, são muitas as questões que se inserem na memória da construção dos edifícios distintos que hoje abrigam a Fundação Bienal de São Paulo e o MAC USP, uma história que se faz intensa e infinita. Os fios que tecem a interligação entre as duas instituições criam um tecido interminável, que se estende desde o passado avançando sobre o futuro, ultrapassando fronteiras e buscando novos horizontes. A proposta de conexão entre os dois espaços expositivos não nos permite percorrer todos os caminhos já traçados, mas buscar algumas passagens, pontes ou passarelas. Dos andares que ultrapassam as copas das árvores, ao subsolo de onde surgem suas raízes, iremos encontrar razões para nos encontrarmos em meio à arte e à natureza.

Dois espaços imponentes que abrigaram importantes exposições, que construíram parte relevante da história da arte brasileira, encontram-se interligados através de uma passarela, cujo movimento das pessoas que por ali passam a todo o momento e o fluxo da cidade que nunca para, abaixo de nossos seus pés, permitem uma energia que envolve o pensamento sobre a arte.

Segundo Tadeu Chiarelli (2013), o edifício que hoje abriga o MAC USP, foi inaugurado em 1954, originalmente projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Inicialmente, funcionou no local a Secretaria de Agricultura do Estado, e após, de 1959 a 2008, foi sede do Departamento de Trânsito – DETRAN. Em janeiro de 2012 o edifício seria ocupado pelo Museu de Arte Contemporânea. Na ocasião, Grandino Rodas, reitor da USP na época, afirma a importância do local para abrigar o museu: “o MAC é um Museu de Arte, dentro de uma obra de Arte”.

Niemeyer deixou que a luz do dia fluísse por janelões na parede mais alta do edifício, como uma espécie de liga, ou de fio condutor, entre a arquitetura (manifestação do homem, da cultura) e a luz (manifestação da natureza).

No entanto, como se sabe, os projetos do Brasil são de curto prazo e, assim, o edifício que havia sido concebido para servir de apoio à Secretaria, acabou por ser transformado num apêndice da imensa burocracia que assumiu aquele espaço quando, no primeiro prédio, se instalou, por anos, outra dimensão (talvez mais assustadora) da máquina do Estado: o Departamento de Trânsito. [...] Confirmando a velha sina do provisório, também chegou a hora do DETRAN deixar o belo complexo arquitetônico do Ibirapuera cedendo lugar, para que a Universidade de São Paulo abrigasse o seu prestigioso e prestigiado Museu de Arte Contemporânea. (CHIARELLI, 2013, p.3).

É interessante pensar que, no início, este edifício foi destinado à agricultura, e que, quando o grande complexo arquitetônico “passa a abrigar um acervo artístico fundamental para a compreensão da arte e da história das últimas décadas”, passa a estabelecer vínculos com outros espaços arquitetônicos como a Fundação Bienal, o MAM, o Museu Afro, entre outros, sem falar da imensa área verde do Parque do Ibirapuera. Pesquisando a trajetória do museu, mesmo antes de sua mudança para sede atual, como forma de procurar peças que se encaixem perfeitamente sobre a preocupação com a preservação da natureza através de proposições artísticas ligadas aos temas ambientais -, iremos caminhando em tempos passados pelos espaços do museu, para revisitarmos algumas mostras que ficaram registradas na história desta instituição, como a exposição “Arte Frágil, Resistências”, ocorrida no Museu de Arte Contemporânea da USP, sob a organização da diretora e curadora do MAC na época, Lisbeth Rebollo Gonçalves e do curador e professor Jacques Leenhardt, durante o ano França Brasil, em 2009. Esta exposição evidenciou os vários olhares acerca da natureza na contemporaneidade, onde a química, a biologia, a ecologia e as ciências humanas se inter-relacionavam, aproximando-se da botânica e da zoologia, mostrando que o homem e a natureza, de acordo com os curadores da mostra, partilham um destino comum, considerando que o homem faz parte da natureza, que ele é um pedaço da natureza e dela depende para sua sobrevivência. Os artistas participantes desta mostra utilizaram novas estratégias em suas maneiras de ver e de construir seus processos criativos. Segundo Lisbeth Rebollo Gonçalves (2009), a mostra apresentava artistas brasileiros e franceses que dirigiam a temática de suas criações para os temas da natureza em sociedades urbanas e industriais “com procedimentos da criação artística contemporânea”. A dimensão das obras se debruçava sobre embasamentos críticos, políticos e filosóficos nos processos de criação artística, onde a paisagem devastada relaciona-se a vida sujeita à catástrofe de sua destruição.

No Brasil, as bienais dos anos de 1970 constituem o lugar principal de onde se projeta ao público a nova abordagem contemporânea da natureza. Nas Bienais dessa década, surgem como presenças marcantes Frans Krajcberg e o Grupo Etsedron.

Nesta exposição, preparada para o Ano da França no Brasil – e colocando em aproximação a produção brasileira com a francesa – apresenta-se em homenagem trabalhos desses artistas referenciais em nossa história da arte do século XX. (GONÇALVES, 2009, p.12).

O artista Frans Krajcberg continuou ativo até 2016, quando participou de sua última Bienal, a 32ª, vindo a falecer no ano seguinte.

Torna-se interessante destacar outras exposições dessa natureza que aconteceram na atual sede do MAC USP, e que inauguraram um novo espaço, o Anexo Original, constituído de dois pavimentos – o térreo e o mezanino. Este espaço foi inaugurado com uma intervenção do artista Carlito Carvalhosa, em 2013.

Vista a intervenção do alto (a partir do mezanino), ou mesmo ao experimentá-la já em seu interior, o visitante perceberá que o artista confere àquele espaço – antes quase sagrado -, uma dimensão irreversível de atualidade. É justamente no jogo entre a série de pilotis e os postes nunca na vertical (todos se posicionam entre o horizontal e o oblíquo), aliado à densidade matéria, à espessura histórica dos postes, que a intervenção de Carvalhosa evidencia sua razão de ser.

O espaço que havia se tornado recluso, fechado em si mesmo, quase uma sala de espera (a sala de espera, o lugar onde sempre estamos entre uma experiência efetiva e outra), revela-se, então, um lugar de ação, de percepção participativa e conscientizadora. (CHIARELLI, 2013, p.5).

A instalação de Carvalhosa foi intitulada Sala de Espera [Figura 6], o artista ao dispor no espaço uma centena de antigos postes de madeira, que um dia tiveram a função de sustentar a rede elétrica no Brasil, provocou diversas abordagens. O artista propôs através de sua “floresta deitada” a reflexão, de acordo com o artista, sobre “coisas que já foram árvores”, remetendo através dos postes de luz que atravessavam o espaço, uma infinidade de memórias e conexões.

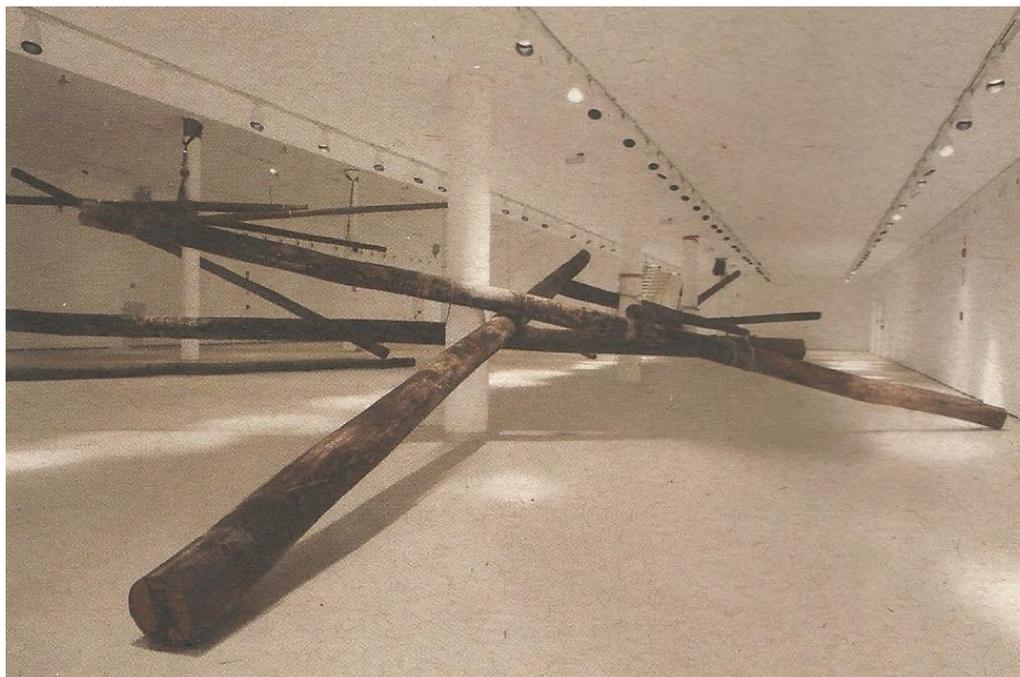


Figura 6: Carlito Carvalhosa. Sala de Espera, Instalação, 2013. Postes de madeira. MAC USP.
Fonte: Catálogo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013.

A partir dessa inauguração uma sucessão de artistas irá ocupar o Anexo, destacando-se Henrique Oliveira com o projeto de intervenção “Transarquitetônica” [Figura 7], em 2014. Sua obra surpreendia por fazer vivenciar um trabalho de arquitetura que abrigava a pintura e a escultura, onde os estímulos praticados pela obra ativavam todos os sentidos e potencializava a experiência do visitante, que não mais poderia ser considerado somente espectador, mas sim participante da obra. A instalação de Henrique Oliveira, construída com a utilização de madeiras, tijolos, taipa, PVC, madeira compensada e galhos, permaneceu durante nove meses no MAC USP. Em sua prática, o artista reutilizava madeiras de compensado de cercas de tapumes que são utilizados durante a construção civil. A madeira deteriorada, que muitas vezes iria para o lixo passa a recobrir uma composição de formas, que invadem o espaço visual, com cores e texturas. Na ocasião, o artista já havia marcado sua participação na 29ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2010, quando apresentou uma escultura de dimensões arquitetônicas, em que o público podia entrar em seu interior, caminhar e experimentar sensações entre espaços inusitados criados de forma a surpreender o espectador/participante da obra.



Figura 7: Henrique Oliveira. Instalação **Transarquitetônica**, 2014, madeiras, tijolos, taipa, PVC, madeira de compensado e galhos. Fonte: Museu de Arte Contemporânea da USP, 2014.

O universo da arte e da ecologia ao integrar-se, se volta às investigações que englobam o estudo de práticas culturais ao longo da história, como lugar de informações que permitem aprofundar as questões ligadas às ações do homem que influenciam as mudanças no meio ambiente. O ambiente natural modificado pelo homem, observado através da arte, torna-se um campo enriquecedor para o debate atual, como uma “caixa de ferramentas” que amplia a possibilidade de olhares sobre o conhecimento e o aprofundamento sobre a emergência de uma conscientização mundial. A proposta de encaixes para a construção de um grande mosaico, através da apreciação das obras de artistas de diversas culturas, mostra que muitas questões discutidas no passado ainda permanecem, como algo que vai sempre acrescentando peças, um espaço democrático onde são aceitos materiais antigos ou novos, os mais variados possíveis e com diversos tipos de acabamentos, o importante é que cada um possua o seu espaço dentro desta grande obra incompleta.

Assim meu desejo é possibilitar através deste texto, a criação de uma dinâmica de integração, no campo da pesquisa, da criação e até mesmo da produção de

projetos, que resgatem e difundam a expressão artística integrada ao pensamento sobre arte e natureza.

Para concluir parte das questões citadas neste artigo, podemos citar o historiador da arte Aby Warburg, já que sua pesquisa buscou uma teoria que de forma mais detalhada revelasse a questão dos resíduos que ficam ao redor da arte em todos os tempos. Estudou a circulação das imagens e procurou os elos em que padrões diferentes da arte migravam para outras culturas. Afirmou que não bastava olhar só para a arte, devia-se levar em conta a cultura. Ele se considerava um historiador da cultura e acreditava em uma forma de circulação das ideias da teoria da imagem. Imagem com um sentido mais amplo, incorporando tudo o que acontece no mundo, levando-se em conta que o artista olha o mundo.

Podemos pensar as imagens, os artistas e suas obras como agentes, que muitas vezes podem atuar com força sobre os acontecimentos do mundo, através de um relacionamento construtivo e reativo. E assim, conclui-se que a arte, a reflexão sobre ela, e a partir dela - considerando-se os vários contextos históricos referenciados por cada artista -, pode ser representada como um mosaico sempre a se construir. Entre pontes, obras e artistas, observamos que, no percurso proposto neste texto, a natureza marca sua presença como protagonista da expressão artística contemporânea, como uma imensa paisagem, que por vezes aniquilada, sempre renasce, em diferentes estações e com novas roupagens.

Notas

¹ MATOS, Diego. Víctor Grippo – Naturalizar al hombre, humanizar a la naturaleza, o Energía vegetal . 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, 2016, p.368.

² Simultaneamente à Conferência Mundial das Nações Unidas sobre o meio ambiente - ECO 92 - foi apresentada no MAM – RJ, a exposição de Frans Krajcberg “Imagens do fogo” recebendo um expressivo número de visitantes.

³ CARVALHO, Paulo. Ruth Ewan - Back to the Fields. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, 2016.

⁴ Em seu texto “Um museu no tempo”, o crítico de arte Agnaldo Farias explica: “A cada dois anos a Bienal de São Paulo, esse singular museu, volta a ocupar o terceiro, último e maior prédio entre os três ligados pela marquise. Antigo Pavilhão das Indústrias, desde 1957 ele sedia o evento a ponto de ser sua marca registrada. A ideia de um porta-aviões originou-se da contemplação desse edifício imenso, de 33mil m² dispostos em três pisos, com formato de paralelepípedo, de um lado com paredes de vidro, de outro, onde o sol bate, metálico, graças a seus para-sóis móveis que lhe garante uma textura variável.”(FARIAS, 2001, p.28).

⁵ O Pavilhão Cicillo Matarazzo, antigo Palácio das Indústrias, também conhecido como Pavilhão da Bienal, faz parte do conjunto original do Parque do Ibirapuera em São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer. Tal conjunto, construído entre 1951 e 1954 em comemoração ao IV centenário da cidade, ainda conta com o Palácio das Nações -atual Museu Afro Brasil-, o Palácio dos Estados, o Palácio da Agricultura -atual Museu de Arte Contemporânea, localizado do outro lado da avenida 23 de maio- e o Palácio das Exposições -popularmente

conhecido como Oca-, além da extensa e sinuosa marquise que conecta os edifícios e cria a identidade da proposta.

Referências

- 32ª BIENAL DE SÃO PAULO: *Incerteza Viva*: Catálogo/Organizado por Jochen Volz e Júlia Rebouças. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.
- 32ª BIENAL DE SÃO PAULO. *Incerteza Viva* – Em’Kal Eyongakpa. Fundação Bienal, 2016. Disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2548> Acesso em: nov/2017.
- BUENAVENTURA, Júlia. *Em’Kal Eyongakpa*. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.
- CARVALHO, Paulo. *Ruth Ewan - Back to the Fields*. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.
- CHIARELLI, Tadeu. *Reflexão e prospecção: sobre a sala de espera de Carlito Carvalhosa*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – São Paulo: MAC USP, 2013.
- FARIAS, Agnaldo. *Um museu no tempo*. 50 anos – Bienal de São Paulo 1951-2001. Fundação Bienal de São Paulo, 2001. 352p.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo e LEENHARDT, Jacques (Org.) *Arte Frágil: resistências - Ano da França no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2009. 124 p.; il.
- MATOS, Diego. *Frans Krajcberg*. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.
- VOLZ, Jochen. *Jornadas Espirais: Incerteza Viva*. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.

Márcia Helena Girardi Piva

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – MAC/USP. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2015). Mestre em Artes Visuais pela UNICAMP (2010). Graduada em Educação Artística pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1985). Em suas pesquisas, dedica-se às relações das diversas áreas de conhecimento que transitam entre a arte e a ecologia a partir da análise de obras de artistas que atuam no campo da arte contemporânea.